

Para Motley, moratória não preocupa credores

"Não existe pressão externa dos bancos credores para que o País vá ao Fundo Monetário Internacional (FMI)." Ao menos foi o que garantiu ontem o ex-secretário do governo Reagan e ex-embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Langhorne Anthony Motley, para quem a questão da moratória é "mais um assunto dos jornais e televisões brasileiros do que uma discussão que esteja preocupando os banqueiros internacionais".

Motley esteve ontem no Centro Empresarial de São Paulo para uma palestra no seminário "Como Exportar para os EUA", promovido pela Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex) e Management Center do Brasil (MCB).

Como bom diplomata, evitou o quanto pôde os assuntos ligados à política e economia do Brasil, onde ele mantém um escritório que presta serviços de lobby a empresas nacionais e multinacionais. "Vocês falam mais sobre moratória em um minuto no Brasil do que os banqueiros americanos em um mês", afirmou Motley, tentando diminuir a interferência da suspensão do pagamento dos juros da dívida externa nas exportações brasileiras para os Estados Unidos.

RETALIAÇÕES

O ex-embaixador disse que não acredita em retaliações dos importadores de produtos brasileiros, mas apenas em tentativas de produtores americanos de preservarem seus mercados. Ele lembrou que o déficit comercial americano em 86 foi de US\$ 176 bilhões, um dos maiores de todos os tempos. "As vésperas das eleições presidenciais de 88, isso viria um grande assunto político", afirmou.

JOGO

A recomendação do ex-embaixador a um grupo de 40 exportadores participantes do seminário foi a de que "é preciso saber jogar no campo dos outros, aliando-se aos clientes dos EUA para tentar superar as restrições de mercado colocadas pelo Legislativo ou pelo Executivo americanos".

O grande desafio das empresas brasileiras, hoje, segundo Motley, é tentar recuperar o mercado de exportação que perderam no ano passado em consequência do superaquecimento interno da economia. "Isso é muito difícil em um momento em que a situação externa do País permanece indefinida", comentou o ex-embaixador, acrescentando que, apesar dessa indefinição, os exportadores podem continuar vendendo seus produtos a clientes estrangeiros utilizando mecanismos alternativos, como trocas de mercadorias e outros tipos de acordos comerciais.

Sempre procurando evitar os assuntos delicados, Motley afirmou que entende as razões do governo brasileiro para a moratória. "Acho que os credores também entendem, pois a questão é simples: estava saindo mais dinheiro do caixa do que entrando, e o presidente pediu a moratória para manter a posição de negociação." Motley não acredita numa política coordenada de desinvestimentos no País, mas espera que o governo apresente em breve um plano de renegociação externa. Mas preferiu não se aprofundar na questão. "Não dou conselhos nem palpites ao governo brasileiro", esquivou-se.